



SANDRAMARACORAZZA

obra, vidas etc.



Copyright © 2022 Dos Autores.

Capa e projeto gráfico: Fabiano Neu.

Imagem de capa: *Salamandra*, baseada em *Fire Salamander*, de Night-Owl8.

Diagramação: TAI Design.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S219

Sandramaracorazza: obra, vidas etc. / Julio Groppa Aquino, Claudia Regina Rodrigues de Carvalho, Paola Zordan (Organizadores). - 1. ed. - Porto Alegre: UFRGS/Rede Escriteiras, 2022.

1092 p.

ISBN 978-65-5973-091-9

1. Biografia 2. Bibliografia 3. Sandra Mara Corazza I. Aquino, Julio Groppa II. Carvalho, Claudia Regina Rodrigues de III. Zordan, Paola IV. Título.

CDU: 929

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

SANDRAMARACORAZZA

obra, vidas etc.

JULIO GROPPA AQUINO
CLAUDIA REGINA RODRIGUES DE CARVALHO
PAOLA ZORDAN
(orgs.)



PORTO ALEGRE

2022

MANIFESTO POR UMA “DIDÁ-LÉ-TICA”:¹³⁹ o fazer político-pedagógico

Magali Mendes de Menezes¹⁴⁰

AÇÃO I

Cenário do Brasil. Nosso país recentemente criava uma nova constituição. A Carta Magna de 1988 anunciava novos tempos, representava a garantia de direitos exigidos por movimentos sociais organizados e nunca significou uma benevolência de políticos. A fala memorável de Ailton Krenak, indígena, ambientalista, durante a Constituinte, se pintando de preto, com a força de um guerreiro era o preâmbulo para o que a história ainda nos reservaria. Aprendíamos o sentido da democracia, ausente no vocabulário de muitas gerações. Havia um clima de esperança de tempos melhores. Início dos anos 90, primeira eleição direta com um operário nordestino no segundo turno. Contudo, isso já seria fazer o tempo andar rápido demais. O presidente eleito não foi o operário, mas alguém que encarnava o desejo de uma elite e que dois anos depois seria afastado da Presidência por corrupção.

Será dentro deste contexto político-histórico que Sandra Corazza escreve seu *Manifesto por uma didá-lé-tica* em 1991, publicado na Revista Estudos Leopoldenses. Sandra, como fi-

¹³⁹ Manifesto por uma “dida-lé-tica”. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, v. 27, n. 121, p. 19-40, jan./fev. 1991.

¹⁴⁰ Doutora em Filosofia, professora e pesquisadora da Faculdade de Educação da UFRGS.

lósofa que era, sabia que nosso contexto, as realidades que nos circundam são matérias-primas para o pensar. Os anos 90 atravessados por inúmeros sentimentos de esperança e desânimo, de redescoberta das ruas, dos atos, exigiam um Manifesto. Segundo o dicionário Houaiss,¹⁴¹ manifesto significa uma declaração pública, que expõe determinada decisão, posição, concepção. O título de seu texto, já nos fala da necessidade de exposição da palavra comprometida com seu tempo histórico. A palavra geradora de sua reflexão é a Educação como um campo importante para que possamos pensar-fazer-viver processos de libertação. Por isso refletir criticamente o contexto histórico é importante para compreendermos a força de sua palavra. Embora em nenhum momento cite Paulo Freire, ele está ali, presente demais para ser citado: é preciso que aprendamos a dizer nossa palavra. Aprender em seu Manifesto é um movimento dialético e, ao mesmo tempo, didático. Ao subverter a ordem da gramática cria a expressão didá-lé-tica, em que a dialética do conhecimento não coloca o ensino como central. Vamos acompanhar então mais de perto seu pensamento.

O texto está dividido em cinco partes: Introdução, Teoria Dialética do Conhecimento, Concepção Metodológica Dialética, Planejamento Dialético de Ensino e Conclusões.

Na *Introdução* Sandra enfatiza que, mais do que criar uma nova expressão, um neologismo, didá-lé-tica, sua intenção é mostrar o quanto didática e dialética estão profundamente imbricadas. A Didática é muitas vezes compreendida como uma reflexão sobre o modo como professores/as devem ensinar. O planejamento do ensino é um dos componentes fundamentais

¹⁴¹ Verbete *Manifesto*, Houaiss, 2001, p. 1837.

para a Didática. No entanto, esta reflexão é problematizada no texto, mostrando que a Didática não pode representar uma técnica a ser aplicada. Todo planejamento de ensino deve se fundamentar em visões de mundo, sociedade, humanidade que precisam, antes de tudo, serem refletidas. Não encontramos (ou construímos) fundamentos na superfície, precisamos des-encobrir o aparentemente óbvio (afinal não seria este o sentido do pensar filosófico?) para trazer à tona o que, na verdade, é o mais importante: a compreensão de nosso contexto e como o conhecimento construído vem a responder e criar novas perguntas a este contexto com a perspectiva de transformá-lo. Teoria e Prática caminham juntas e não podem ser dicotomizadas como tradicionalmente vemos em nossas aulas de Didática. Por isso, que já no início, Sandra anuncia que pretende estabelecer uma “linha coerente entre teoria do conhecimento, concepções metodológicas e planejamento de ensino” (CORAZZA, 1991, p. 21). A linha é o fio que tece seu pensamento atravessado por uma compreensão de tempo. O presente, passado e futuro do fazer pedagógico não é linear, por isso a impossibilidade que seu exercício seja dicotomizado. Não há planejamento que surge como um amanhã a ser cumprido, testado, comprovado, pois o tempo pedagógico é um vai e vem constante, em que nunca retornamos ao mesmo lugar. Como a autora mesma faz referência, é como o rio de Heráclito onde “um homem não passa duas vezes no mesmo rio, porque tanto o Homem como o rio, são diferentes” (1991, p. 28). E termina a Introdução falando de humildade, perspectiva socrática de quem nunca sabe tudo e que com esta atitude, não busca forjar “uma verdade”, mas um saber. A verdade encerra o tempo, não permitindo que justamente siga em seu acontecer histórico, sempre impulsionado por sujeitos,

por ideias e afetos que carregam o sonho de uma amanhã (já tecido no presente) de um tempo melhor para se viver.

A segunda parte, intitulada *Teoria dialética do conhecimento* a autora/filósofa mergulha com profundidade na compreensão sobre dialética. Todo conhecimento emerge de uma materialidade, de práticas sociais. Por isso, não existe separação entre teoria e prática, pois a teoria surge de uma prática refletida e a prática potencializa novas teorias que, por sua vez, agem sob a realidade, provocando transformações. É agindo no mundo que homens e mulheres produzem seus patrimônios sociais e culturais. O pensar, dentro de uma perspectiva dialética, é, portanto, implicativo, somos afetados pelo mundo e como sujeitos históricos afetamos este mundo. Afirma desse modo, nossa condição e exercício constante de sermos sujeitos e não meramente assujeitados, como objetos incapazes de desejar e decidir em que mundo queremos viver. Contudo, somos/estamos situados, fazemos parte de um contexto temporal e espacialmente localizado que nos apresenta modos diversos de pensar e atuar no mundo. Na crítica ao pensamento hegemônico, que nos impõe lógicas e modos de pensar únicos, a(s) verdade (s) constituída ao longo da história, não é absoluta e, conseqüentemente, está sempre sujeita a questionamentos. Ao contrário do que Francis Fukuyama (1992) irá dizer, um ano depois do texto em análise, não podemos falar no fim da história. Declarar esta sentença é declarar que não somos capazes de mudar a história, é declarar a própria morte da humanidade.

O conhecimento como criação e recriação constante se constrói a partir de três dimensões: a síntese, a análise e a síntese. A dialética surge não só como método, mas também como compreensão de mundo que nos permitirá de forma

mais ampla e profunda, atuarmos como sujeitos capazes de uma prática transformadora.

A terceira parte, *Concepção metodológica dialética*, trata então de como pensar a construção do conhecimento no processo educativo a partir do caminho aberto pela dialética. Metodologia é caminho, em latim, e quando a autora fala em caminhos dialéticos fala do próprio processo de produção de conhecimento, não de algo que é determinado *a priori*, bastando ser aplicado. Busca na referência do sociólogo e educador popular peruano, Oscar Jara, a fundamentação para sua reflexão. Ou seja, a educação popular aparece como uma experiência que nos traz pistas para pensar toda ação educativa que se pretende libertadora. Neste momento, desenvolve com mais profundidade os três pontos que considera centrais na metodologia dialética: “1) partir da prática; 2) teorizar sobre ela e 3) voltar a prática para transformá-la” (CORAZZA, 1991, p. 24).

A *prática* é a realidade mesma que estamos inseridos, mas que não se apresenta como um fato particular, isolado. Quando, na experiência educativa, partimos da prática, da concretude histórica de sujeitos determinados, trazemos a totalidade do mundo que atravessa a vida destes sujeitos. Educandos e educadores são atravessados de diferentes formas pelo mundo, as ditas “realidades” não são as mesmas, nos constituem como sujeitos, criando sentidos, linguagem, modos de estar no mundo. A primeira experiência educativa é, portanto, aprender a ler o mundo. E todos nós, por mais que tenhamos inúmeros diplomas acadêmicos, *lattes* abarrotados de publicações, se não formos capazes de ler o mundo, somos analfabetos políticos. Aprender a realidade é aprender a refletir um contexto feito de contradições e que, se não forem lidas, não serão percebidas, se naturalizando facil-

mente. Contradições como as de classe, raça, sexo e gênero, culturais e inúmeros outros elementos presentes em nossa sociedade, nos formam objetiva e subjetivamente. Partir da prática é olhar o que está invisibilizado, mascarado, porque ao nos darmos conta das contradições, não apenas pensamos a nossa vida, mas refletimos a forma como a sociedade está estruturada, expondo suas profundas desigualdades.

Por isso, que a prática social deve vir junto com a nossa capacidade de *teorizar* sobre ela. Dessa forma, desconstruímos o senso comum, que cria leituras generalistas, superficiais, cobertas de ideologias e pré-conceitos. Basta vermos nossas livrarias encharcadas de livros de autoajuda, senso comum barato que traz explicações fáceis a uma realidade complexa, que nos exige uma profunda reflexão. Temos que estar atentos/as a armadilha falaciosa de pensar quem vem primeiro, teoria ou prática. Ambas as experiências caminham juntas, pois a prática sem teoria se esvazia e a teoria sem a prática se enfraquece. Como nos diz Freire (1996, p. 25), “a teoria sem a prática vira ‘verbalismo’, assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”. É com esta leitura encharcada de Freire, que nossa querida Sandra pensa a importância de teorizar a prática. O educador/a ao partir da prática e teorizá-la não mais transmite conteúdos aos alunos, na lógica da educação bancária. Os conteúdos não são “entregues” aos alunos, como componentes a serem memorizados. Ao contrário, se cria no espaço educativo o desejo de investigar que como diz a autora, não é fácil. É preciso disciplina, rigor, cuidado individual e coletivo para que o ato de produzir conhecimento signifique o comprometimento com a transformação da realidade.

Dentro do movimento dialético, busca-se a transformação, não como um fim último, mas como uma nova prática a ser teorizada. Não se quer com isso, produzir verdades absolutas, mas impulsionar a um estado permanente de suspeita sobre a realidade que vivemos. “Já que a prática é um processo sem fim, ela não pode, a todo o momento, dar respostas a todas as perguntas” (CORAZZA, 1991, p. 28). Seria nos contentarmos com um mundo onde todas as perguntas já teriam sido feitas, onde basta colocar qualquer texto, pergunta no *google*, que ele logo completa, facilmente. Sandra, em sua desobediência epistêmica, nos diz que as perguntas não estão prontas, nem esgotadas. A prática social, o exercício constante de teorização sobre ela, nos conduz a novas práticas sociais, a novas questões. Assim, a teoria não é uma análise do que acontece, mas nos joga para um projeto futuro, contribuído para a elaboração de alternativas ao nosso estado presente.

A quarta parte do texto, intitulada *Planejamento dialético do Ensino*, nos apresenta o desafio de, enquanto educadores, sermos o próprio exemplo em nossos espaços educativos. Não basta apenas falarmos em processos dialéticos, metodologias, em teorias do conhecimento se não fazemos o exercício mesmo, junto com nossos/as alunos/as desta concepção. Como nos diz a autora,

Assumir seriamente esta teoria e praticar seu estudo com os educandos significa propor-lhes um conhecimento científico e politicamente comprometido com a construção de uma educação que tem, junto com outras práticas sociais, a responsabilidade de criar um novo coletivo social neste país, na direção de uma sociedade substancialmente democrática e na direção de uma educação substancialmente política (CORAZZA, 1991, p. 29)

Nossa querida filósofa não poupa crítica aos cursos de formação de professores que infelizmente, “esquecem” este compromisso substancial com a democracia e o papel político da educação. A antiga e sempre atual questão, “quem educa nossos educadores?” nos faz pensar e repensar como formamos, qual é o papel da Universidade e de nossos cursos de licenciatura. Como professora de Didática, Sandra traz a preocupação de como nossos professores/as de didática não somente devem falar sobre didáticas, mas fazer o exercício vivo da didática em suas práticas educativas. A elaboração da política curricular, do modo como nos relacionamos enquanto educadores com o coletivo, a abertura para o novo, o compromisso com o saber construído e como este afeta a realidade são elementos importantes para um planejamento dialético de ensino.

Baseado no quadro-guia proposto por Jara (1985), Sandra apresentará um Plano dialético de Ensino construído na época que era professora de Didática na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em 1990. Como tema gerador propõe refletir a *práxis didática*, junto a seus estudantes. Para isso, elabora um caminho que parte da prática (vivências que tiveram), teorização (causas e contradições fundamentais) e o retorno à prática (síntese, em que se produzirá um projeto ou plano de ensino).

Com isso, Sandra passa a pensar a sua prática junto ao grupo de estudantes, neste exercício constante de ver e rever o que se produz para assim, transformar sua própria prática.

E para concluir, a última parte de teu texto afirma o compromisso com a educação libertadora, pois as condições de opressão nos desumanizam e nos destituem de nossa condição de sujeitos. Sua palavra final vem em forma de poesia, ela entrega a palavra à Brecht para nos dizer que “Nada é impossível de mudar”. Texto tão atual que poderíamos suspeitar que Sandra

em sua imensa sabedoria, como intelectual compromissada com seu tempo, suspeitasse que em nosso momento atual, ainda necessitássemos gritar este poema, *nada é impossível de mudar!*

ATO II

Com este teatro nós reatamos com a vida em vez de nos separarmos dela.

ANTONIN ARTAUD

Artaud traduz nesta epígrafe o sentido de dividir o texto em Atos. Como um teatro feito de Atos não quero recuperar o (não) lugar da re-presentação (apresentar o que não está mais aqui), mas a vida de um pensamento e um pensamento da vida, tão intenso e pulsante como foi a escrita-vivência de Sandra e que continua a ressoar entre nós. Seu imenso teatro da vida feito de muitos atos nos faz aplaudir de pé incessantemente cada palavra, respiração, olhar, pulsação, desejo, gerado fora e dentro da Universidade. Resenhar seu texto não é uma tarefa fácil. Resenhar significa fazer análise sucinta, relatar de forma crítica; inventariar.¹⁴² Apego-me a este último sentido, inventariar carrega em si a dimensão do invento, as inúmeras invenções produzidas ao longo de uma vida, sempre curta para caber todo desejo. Ao resenhar se percebe os detalhes, a forma como cada palavra foi colocada, seus sentidos e intencionalidades. Mas a escrita de Sandra traz o visível e não visível, o que pode ser visto a olho nu e o que se veste de alma para incomodar a eternidade. Texto extemporâneo, necessitamos ruminar por longo tempo, num exercício nietzschiano,

¹⁴² <https://www.aulete.com.br/resenhar>

incansável de vontade de saber mais. Gostaria de fazer tudo isso e depois sentar ao seu lado, na mesa de um bar, imaginando ela com aquele seu jeito irônico e profundo, me dizendo “não era nada disso que queria dizer”. E aí entraríamos em uma conversa filosófica intensa, porque a palavra não pode ser dita de qualquer forma. Diálogo que não tivemos tempo de fazer. O espaço triste da academia não nos permitiu fazer encontros. Nossos prédios, campus são labirintos que vamos percorrendo e que, nos fazem muitas vezes cruzar corredores, entrar em elevadores, estar lado a lado em reuniões, mas não nos encontrarmos. Não tive tempo de fazer este encontro com Sandra, gostaria de muito de ter feito. Invejo seus estudantes, muitos hoje professores e professoras, seu grupo de pesquisa, seus amigos e amigas que puderam de alguma forma, sentir de perto a intensidade da vida desta intelectual/professora. Resenhar seu texto foi como imaginar o diálogo possível com esta grande filósofa que viveu profundamente a experiência do pensar. Este texto em questão que, humildemente analisei, fala do tempo dialético de Sandra. Mas como pensadora potente, vai mais adiante descobrir outros caminhos (pós-estruturalismo, pós-modernidade, a filosofia da diferença), em que não há mais possibilidade de sínteses.

Em outro texto, *Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação (2012)*, Sandra comenta que para dar aulas necessitamos de inspiração. Quando vamos perdendo nossa capacidade de inspiração nossa fala se enfraquece. Estudar, estudar, estudar! Este é o caminho! Seus livros coloridos com vários *post-it* entre as páginas traziam a imagem de uma pesquisadora que buscava insistentemente inspiração. Muitas vezes, a ficava observando, entre uma reunião e outra, e via escrevendo, desenhando. Fico a imaginar a preciosidade de suas agendas, seus inúmeros cadernos! Entre desenhos,

monstruosidades, palavras soltas, esquemas seu devir-palavra acontecia. Sim, era um acontecimento, no sentido foucaultiano, um tempo que se abre, sempre de forma surpreendente, perturbando o que está acomodado.

Acontecimento que rompe a ordem do discurso. É como Foucault, em sua famosa conferência intitulada *A Ordem do Discurso* nos fala sobre as instituições que tornaram os discursos distantes, nos colocando também distantes uns dos outros e, dessa forma, o “discurso entra na ordem da lei”. Há uma lei do discurso e um discurso da lei, ou seja, há regras que variam conforme a época, para a pronúncia e organização do discurso, criando suas leis; e há as próprias leis que, se não forem acompanhadas por uma formalidade na sua inscrição e pronúncia, perdem a força.

Por trás desta ordem (que tanto pode significar um mandamento como uma organização) percebe-se um temor ao *nonsense*, ao que, por ainda não ser traduzido, torna-se caos. A lei do discurso disciplina nossa fala, o pensar, a escrita, a expressão. A lei justifica-se pela necessidade da universalidade, para que nossas expressões não sejam a tradução da diferença, afinal, como é possível avaliar a diferença? A avaliação requer normas, critérios homogêneos, nomenclaturas compreendidas por todos. Portanto, universaliza-se para que a singularidade possa tornar-se compreensível. Todos devem escrever da mesma forma, o discurso acadêmico, o discurso entre amigos, entre amores... todos têm um padrão.

Mas o que há de tão perigoso na fala? Foucault levanta uma hipótese:

[..] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que

têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2004, p. 9).

Nossa irreverente filósofa resiste à ordem de todo discurso! Entre poesias-pensamento faz transbordar a palavra, espaço apertado para quem quer *dizer* além de todo *dito*. Para isso, percorre a literatura, o cinema, a poesia, a arte, as filosofias malditas, tecendo ritornelos diante do que não pode ser repetido, reproduzido. O instante inusitado é infinito e neste emaranhado de fios, desde sua arte incansável, ela nos convoca a pensar-sentir o tempo-espaço da educação como vida. Não há nada mais revolucionário do que isso. Em tempos de morte, em que a vida vivida é escassa; imagens de gente comendo ossos jogados fora por grandes supermercados; gente amontoada no chão, em sinaleiras; gente sem ar — o pensamento-poesia de Sandra é ar!

Nossa querida Sandra, em seus últimos momentos de (res) inspiração fez um poema para a Faculdade de Educação em comemoração aos seus 50 anos,¹⁴³ intitulado “Que será FACED?”. A poesia novamente irrompe, é sua forma de dizer o quanto viver dentro do prédio azul foi intenso. Mas, somos nós que fazemos retornar a pergunta: que será da FACED sem Sandra?

Deixo-te então um poema como a única forma que encontro de te encontrar.

Canto à Nausícaa

Coragem de quem?

Daquele que fica ou daquele que parte?

¹⁴³ Este poema está no Canal do YouTube da FACED. https://www.youtube.com/watch?v=_CCM12F2csY

O que espera o retorno
Vira em torno de si buscando portas de entrada.
O que parte, diz adeus
Perde o que aos poucos se retira
Perde-se, busca portas de saída que não fechem.
O horizonte se distancia.
O barulho do nada, o silêncio de tudo.
As conchas são refúgios para aqueles que zombam da solidão,
da sonoridade que cabe dentro delas.
Coragem de Ulisses, coragem de Nausícaa.
Esqueceu-se o rosto
Então, como abençoar antes de amar?
Deixa-se pedaços de lembranças espalhados no mar
O acaso se encarrega de levá-los de volta,
Cristais, reflexos de instantes.
Não há portas para abrigá-los
O vento as derrubou
Soprou na direção do barco
Foi-se no vai-e-vem das ondas e não mais encontrou portas
Os barcos são fechados, solidez daquele que se atrita com a água.
Encontramos-nos atrás das portas
Nos vemos pelo olho mágico da vida que se despede!

AÇÃO III

A ser inventado por todos nós...

INTERLOCUTORES

(é como Sandra intitula os autores que são suas referências)

ARTAUD, Antonin. *Linguagem e Vida*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

CORAZZA, Sandra. Manifesto por uma “didá-lé-tica”. *Estudos Leopoldenses*. Volume 27, nº 121, jan/fev. São Leopoldo, 1991.

CORAZZA, Sandra. Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação. *Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais*. n.8, UFSM, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Ed. Paz e Terra (coleção leitura), 1996.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*, aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o Último Homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.